

Um bom presidente para a economia

GAUDÊNCIO TORQUATO

Qual seria o melhor presidente para o bom desempenho da economia do País? A resposta comporta menos a indicação de um nome e mais o delineamento de um perfil condizente com o atual estágio da economia nacional. Em linhas gerais, esse perfil exige que o governante tenha autoridade, respeitabilidade, noção de coordenação e, sobretudo, conhecimento das regras que estruturam o sistema econômico.

O descalabro econômico tem razoável parcela de causas no modelo de gestão ditado pelo comportamento presidencial. O presidente inaugurou um estilo claudicante de governar. Hesitante, dúbio, ciclotímico, perdeu-se no emaranhado de planos experimentais. Nesse último ano de administração, resta a impressão de que durante todo o tempo desconheceu a realidade brasileira. Sua preocupação em fazer experimentos, ao invés de ter contribuído para a normalidade econômica, disparou expectativas, exacerbando o processo inflacionário. Faltou ao governo, em seu percurso, um fio condutor, ordenado e lógico. Inexiste uma política econômica de marcas nítidas e palpáveis. Respeita-se um governo por sua identidade. Reconhece-se o esforço de um governante por seus traços coerentes e determinados. Nada disso foi apresentado. O alto grau de liberdade que o governo credita a seu favor, como valor básico de sua administração — consequência, aliás, do processo de diástole social —, redundou em quase nada.

Com este pano de fundo, não é difícil inferir o perfil ideal do melhor presidente para o sistema eco-



nômico. É preciso que seja um governante em condições de dialogar à altura com o sistema produtivo, usando conhecimento e linguagens apropriados. Precisa gerenciar, de maneira competente, a economia, e tomar decisões rápidas e adequadas. Um presidente não pode passar a sensação de que é mero espectador ou torcedor de planos formulados por suas equipes.

Ocorre que as elites políticas do País inserem-se em modelos ultrapassados e, não raro, tomam atitudes retrógradas ou incongruentes com a modernidade. Politicos, regra geral, acreditam que a economia é coisa para economistas. Em cargos executivos, não podem se guiar pelo simplismo de trocar de equipe toda a vez que um plano fracassa.

Não é sem razão, pois, que a economia brasileira, em termos de valores e conceitos, assume posicionamento mais avançado do que o setor político. As elites empresariais, apesar de resquícios conservadores, são mais arrojadas e integradas aos novos tempos. A economia respira avanços, a política se afoga em atrasos. Surpreende que mesmo líderes com bom conhecimento de economia, como certos presidenciáveis carreguem traços indesejáveis, do tipo sujeição a apelos demagógicos, adoção

de programas com um viés ideológico ultrapassado, visão caolha sobre o conceito de nacionalismo.

Um bom presidente para a economia do País será aquele que, com autoridade e respeitabilidade garantidas pelo voto direto, ousar não ser populista, evitando medidas demagógicas que podem impressionar as massas. Não poderá submeter-se a pressões de equipes formadas (ou deformadas) ao longo do passado recente, construído por partidos políticos desgastados e débeis. Há, por aí, meia dúzia de equipes econômicas que já tiveram suas chances de demonstrar competência. Naufragaram nas águas de planos mirabolantes e idéias extravagantes. O trágico é que possuem sobrevida acima das expectativas.

Perdeu-se, ademais, no País, o sentido de coordenação. Administraram-se conflitos de políticas de preços, mas esqueceram-se as leis globais da economia. relega-se a segundo plano a política de investimentos. O País está praticamente paralisado. A infra-estrutura de serviços públicos navega em maré de refluxos e o empresariado não recebe sinais de motivação para realizar investimentos. Colhemos os frutos de uma tecnologia adquirida e implantada há alguns anos. Dentro em pouco, o fator tecnológico entra em exaustão.

Não é tarefa fácil resgatar o compromisso de redirecionar o País para um novo ciclo de investimentos, quando se sabe que uma cultura especulativa invadiu todas as esferas sociais, instalando vigorosamente o jeitinho das comodidades e facilidades, das trocas fáceis e do ganho matreiro. Além disso, qualquer presidente terá de repartir seu poder com um Congresso forte, cioso de seu fortalecimento e intensamente pressionado para decidir sob o foco das eleições gerais de 1990. Teremos, portanto, um presidente forçado a conviver com o sentimento populista do Congresso. Vai ser difícil securar a inflação.

Mas como Deus, às vezes, mostra sua afeição por esse amado pedaço, pode-se ter a esperança de ganharmos um governante com autoridade, forte politicamente para não se deixar levar pelas emoções do momento e com capacidade de enxergar que a economia não é apenas um joguinho de burocratas, interessados em tirar o primeiro lugar em equações originais. Um bom conselho para a futura equipe econômica seria sair de vez em quando da fria solidão do Planalto para um banho quente de economia, nos lugares onde ela acontece.

Gaudêncio Torquato é professor titular da USP, especialista em marketing institucional e comunicação.

